

# GIL AMOUROUS

## SOBRE A VIDA

### À flor da pele

Por José Sousa Machado

*"A arte imita a natureza, porque a natureza é já uma arte"<sup>1</sup>*

A exposição que Gil Amourous apresenta na galeria Sá da Costa – e que assinala também o seu reaparecimento público após alguns anos de afastamento – incentivou-me a redigir, por analogia para com ela, um preâmbulo poético ao texto de apresentação com tempero de *hayku*. Diz assim:

De madrugada fui colher flores  
no meu jardim ainda adormecido;  
e a Primavera entrou dentro da minha morada.

As pinturas e desenhos de Gil Amourous agora expostos, reunidos sob o título "*Sobre a vida*", retratam acontecimentos do quotidiano do artista vividos à flor da pele. O horizonte da sua possibilidade de existência começa e acaba nos contornos da experiência sensível do artista, na vibração cutânea de tudo o que o rodeia, no estremecimento da sua densidade corpórea e na materialidade subtil das formas e das cores que ostentam.

É como se o artista arrastasse tudo para a terra, até mesmo os céus e o que é invisível, agarrando, literalmente, árvores, troncos, pedras, ervas, terra e nuvens com as mãos, e declarasse que só têm verdadeira existência aquelas coisas em que é possível tocar e que oferecem resistência ao tacto. Estas pinturas e desenhos de Gil Amourous identificam a realidade com o que é corpóreo e reconhecem na sensação, na percepção sensorial, o único critério de avaliação da realidade, em estreita sintonia com o sistema filosófico epicurista.

---

<sup>1</sup> Aristóteles, Física II

Mas a afinidade materialista enunciada entre o artista e o filósofo ateniense do século VI a. C. termina aí, pois enquanto Epicuro, apesar de vincar o carácter corpóreo do real, propunha a moderação dos prazeres terrenos como forma para alcançar a felicidade, as pinturas de Gil Amourous são uma hipostazia do real; são, na maioria dos casos, uma celebração da exuberância e beleza do mundo natural e, outras vezes, representam de forma hiperbólica instantes ou pormenores comezinhos do quotidiano familiar do artista – por exemplo, uma das pinturas descreve com detalhe minucioso o que parece ser a entrada de uma habitação em desalinho e os dois desenhos desproporcionadamente grandes retratam tarefas íntimas domésticas. Estes exageros intencionalmente assumidos pelo artista na sua abordagem a temas frugais, invertendo as nossas habituais hierarquias de apreciação, decorrem de uma qualidade hedonista que atravessa toda esta exposição, como se o prazer e a satisfação volitiva transportassem em si mesmos um valor intrínseco – o prazer associado à felicidade, neste caso à fruição sensorial, mobilizando para este propósito todos os sentidos.

Por outro lado, no exercício da sua actividade artística, Gil Amourous segue a lição dos pintores naturalistas, quando executavam as suas obras de arte ao ar livre, imersos nos ambientes naturais que desejavam representar, absorvendo sensorialmente a inumerável multiplicidade de estímulos muito diversos que cada ecossistema natural nos devolve; não só estímulos visuais, como também auditivos, olfativos e até mesmo meditativos e éticos, porque a terra é um eloquente ser vivo, tudo nela resplandece de viço.

Permanecendo períodos prolongados em solilóquio íntimo com a natureza, Gil Amourous incorporou e reproduziu nas suas pinturas o silêncio musical e perfumado das plantas e a própria fragância do tempo que nessa circunstância se dilata; um tempo rico em materialidade e sensibilidade inesgotáveis. A este respeito afirmou o filósofo sul coreano Byung-Chul Han que a botânica e "*a biologia são, em última instância, uma teologia, um ensino sobre Deus.*"

Sobre este método de pintura ao natural, permanecendo o artista frente-a-frente com o objecto que deseja representar durante longos períodos, falou-nos Proclo, o 'divino' Proclo, citado por Maria Filomena Molder em "*O pensamento da forma*", nos seguintes termos:

**GALERIA SÁ DA COSTA**  
13 de março até 13 de abril  
segunda a sábado 14h30 às 19h00  
Rua Serpa Pinto, 19, 1200-443 Lisboa

*"assim um homem que entre numa casa ricamente ornamentada, olha e admira todas essas riquezas, antes de ter visto o dono da casa; mas, desde que o vê, desde que o ama – esse senhor que não é uma estátua fria, mas que merece realmente ser contemplado – deixa tudo o resto para o olhar unicamente; fixa-o e não separa dele o seu olhar; mas à força de olhar já não o vê; o objecto de visão acaba por se confundir com a própria visão; o que anteriormente era um objecto tornou-se uma visão (...) aos olhos do visitante da casa, apresenta-se não já um homem, mas um deus, que não aparece aos olhos do corpo e enche a alma com a sua presença" (Proclo,VI, 7,35).*

É também neste plano de metamorfose mística, de fusão entre o sujeito e o objecto, que assenta a essência do género poético japonês designado de *hayku*: um simples 'estar' em absoluta comunhão com cada instante que passa, oferecendo-nos desse momento pleno e irrepetível um testemunho material. Neste patamar de consciência existencial radica também a analogia, referida no preâmbulo deste texto entre a pintura de Gil Amourous e o género poético *hayku* que pela voz de Matsuo Bashô, afirma:

*"Quero ainda ver  
nas flores ao amanhecer  
a face de um deus."*

CO-PRODUÇÃO:



Contactos:  
(+351) 912 283 000 / a.sadacosta.mi@gmail.com  
(+351) 917 071 693 / geral@ocupart.pt

## Gil Amourous

Gil Amourous (1971), vive e trabalha em Lisboa.

2000, Prémio Pintura do 45º Salon de Montrouge, França.

1999, Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian – Projecto para Criação Artística, Paisagem.

1996, Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian – Subsídio de Trabalho Artístico, Paisagem.

1996, Curso Avançado do AR.CO .

### **Exposições Individuais**

2004, Desenho, Galeria Diferença, Lisboa.

### **Exposições colectivas**

2014, Animalia e Natureza, Coleção CAM, Museu Calouste Gulbenkian.

2007, Bazar AR.CO, CCB (Centro Cultural de Belém), Lisboa.

2000, 45º Salon de Montrouge – 55 Jeunes Créateurs Européens, Paris.

Jovens Criadores Europeus, SNBA (Sociedade Nacional das Belas Artes), Lisboa.

1999, Colecção Arte Portuguesa Anos 80 e 90, MEIAC – Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo) Badajoz, Espanha.

7 Artistas ao 10º Mês, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

1996, Bolseiros e Finalistas do AR.CO, Lisboa

1995, Bolseiros e Finalistas do AR.CO, Lisboa.

1994, Bolseiros e Finalistas do AR.CO, Lisboa.

1993, Bolseiros e Finalistas do AR.CO, Lisboa.

### **Representado nas Coleções:**

. Colecção do AR.CO

. Colecção do Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão (C.A.M)

. Colecção António Cachola

. Colecção de Victor Pinto da Fonseca

. Colecção Colégio Moderno